

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivarⁱ

Self-encounters: the production of knowledge in graduate studies regarding deafness and the ways of becoming subjectivities.

Efraim de Alcântara Matos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFC)
Cedro-Brasil
Marcelo Bezerra de Moraes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Mossoró-Brasil
Jorge Carvalho Brandão
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza-Brasil

Resumo

Neste trabalho investiga-se como subjetividades, modos de subjetivação e articulações dos sujeitos e surdez são compreendidas em pesquisas de pós-graduação. Constrói-se um estado do conhecimento de textos publicados em duas importantes bases de dados de 2005 a 2022. Os procedimentos de investigação foram ancorados na Meta-Análise, Síntese Qualitativa e Análise de Conteúdo. Os textos analisados investigaram as formas de relação a partir da escola, cultura, língua, experiência, produção de sentidos e sobre a formação docente. Como resultados, aponta-se que a subjetividade emerge da relação com o outro, como produtora de sentidos, ligada à identidade e à língua, com modos de subjetivação que se denotam pela cultura, língua ou relação com o outro, tendo a surdez vista como característica social, às vezes construída a partir do ouvintismo e denunciando a visão patológica sobre ela.

Palavras-chave: Subjetividade; Surdez; Produção Científica.

Abstract

This study investigates how subjectivities, forms of subjectivation and articulations of subjects, and deafblindness are understood in graduate researches. We constructed the state of knowledge from texts published in two important databases from 2005 to 2022. The research procedures were Meta-Analysis, Qualitative Synthesis and Content Analysis. The textual analysis aimed at investigating the forms of relationship focused on school, culture, language, experience, meanings production, and on teacher training. As results, we concluded that subjectivity emerges from the relationship with the other, as a meanings producer, related to identity and language, with modes of subjectivation that are denoted by culture, language or relationship with the other, so that deafness is seen as a social characteristic, sometimes built from the ouvintism, thus denouncing its pathological view.

Keywords: Subjectivity; Deafness; Scientific Production.

1. Introdução

Como nos constituímos sujeitos? Essa é uma questão que já deve ter sido suscitada em inúmeras pessoas pelo mundo. Pela história muitas foram as respostas atribuídas a essa questão, mas, neste trabalho, vamos pontuar essa constituição a partir da subjetividade. Essa se dá a partir das relações com o outro, dentro de contextos culturais, lutas de poder, recuos e avanços dentro de posicionamentos que nos interpelam. Logo, não há subjetividade sem o outro, sem a natureza, sem a estrutura social. Essa se constitui em si e para si, constitui-se a partir de si e a partir do outro, agindo e mobilizando as formas de pensar o eu para mim, o eu para o outro, o outro para mim, bem como o outro para ele. Além disso, a subjetividade se pronuncia dentro dos referenciais, dentro das objetividades, das verdades estabelecidas dentro de contextos de luta, de poder, exercido e sentido por si (GUATTARI; ROLNIK, 1996; FOUCAULT, 2007; D'AMBRÓSIO, 2019; FREIRE, 2019).

Os modos como os sujeitos percebem, constroem, dialogam (com) suas subjetividades têm como base as verdades materializadas em conceitos da objetividade, que vão constituir as subjetividades no e do outro, se é que essas podem ser fundamentalmente particulares. Os modos de subjetivação estão ligados à língua demandando trocas de ideias, construções coletivas, produzindo a experiência e, nessa tônica, entendemos que “as palavras produzem sentido, criam realidades, e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2015, p. 16). Tais mecanismos são denominados nesse texto de modos de subjetivação. Assim, o texto, escrito, oral, visual ou gestual, compõe os diversos agrupamentos objetivos produtores da subjetividade.

Santana e Barbosa (2019) dialogam com autores no sentido de apontar para os modos de subjetivação como uma característica do sujeito, tendendo às tomadas de decisão, dialogada internamente e a partir de contextos sociais e históricos. Assim, por estarem mobilizados, articulados, interpelados pelas relações de poder, os modos de subjetivação também são de objetivação do sujeito, pois tem intenções, partem de pressupostos para atingir algo, constituem suas verdades dentro de contextos relacionais. Nessa perspectiva, o sujeito só cria porque é criado e só é inventado porque inventa. A partir de sua atividade cognitiva, não ampara a interpelação do objeto pelo sujeito, mas faz emergir ali sujeito e objeto (FOUCAULT, 2007). Nessa emergência há uma constituição de si,

mas sem descartar a composição social, logo, não podemos apontar a unicidade de um elemento ou outro, mas a constituição mútua entre sujeito enquanto ser social e sociedade.

A cultura, enquanto conjunto de saberes produzidos, compartilhados e compatibilizados por um grupo social, faz parte de qualquer estrutura que envolva o ser humano. Influenciada por e produtora de conjunturas históricas, vai diferenciando os homens dos demais animais (D'AMBROSIO, 2019). A surdez, enquanto característica sócio-cultural (SKLIAR, 1997; 1998), é também componente representativo da subjetividade. Vista sob diversos paradigmas históricos, a subjetividade do sujeito surdo é construída a partir de seus contextos culturais.

Dentro desses paradigmas, temos: o Historicismo que enxergava as pessoas surdas dentro de uma perspectiva médica, a partir da patologia, atribuindo níveis de surdez, buscando uma educação voltada à reabilitação e enxergando a língua não hegemônica como um bloqueio ao desenvolvimento desse grupo social; a História Crítica que enxerga os sujeitos como necessitados de ajuda, de integração, sendo seres dependentes, vistos a partir de suas dificuldades, tendo a língua de sinais como elemento de apoio e; a História Cultural enxerga surdos como pessoas com experiências a partir do visual, tendo subjetividades diversas, respeitando às diferenças culturais e língua de sinais como um marco desses modos de subjetivação específicos do grupo social delineado pela surdez (STROBEL, 2009b).

No Brasil, a história da educação tem passado por diversas transformações que caminham para atender a múltiplos interesses e que emergem como respostas a situações de crise ou prosperidade social (FREITAS; FIGUEIRA, 2020). Na história da educação de surdos temos alguns marcos, destacando o ano de 2002 com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras como um meio legal de comunicação a partir da promulgação da Lei 10.436/2002 e o ano de 2005 com a publicação do Decreto 5.626/2005 que regulamenta a lei citada, determinando mudanças nos currículos dos cursos de formação de professores e fonoaudiologia inserindo a Libras como disciplina obrigatória e como saber a ser discutido de forma articulada aos demais componentes curriculares, estabelecendo prazo de 10 anos para implantação dessas mudanças.

Tais marcos legais contribuem para um reconhecimento e valorização da cultura surda. Essa cultura, conforme aponta Strobel (2009a), é a forma como a pessoa surda molda

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

o mundo para habitar nele, contribuindo com identidades e para as comunidades. Assim, podemos compreender que a cultura constrói e é construída por subjetividades que atuam tanto na pessoa surda quanto na pessoa ouvinte, transformando percepções e realidades (LEBEDEFF, 2016).

Discutindo cultura, subjetividade, modos de subjetivação e experiência a partir de Guattari e Rolnik (1996), Foucault (2007), Larrosa (2015), vemos que a sociedade só se faz com sujeitos, e os sujeitos estão atrelados aos seus processos de subjetivação que não ocorrem no campo individual, mas pelos atravessamentos sociais.

Nisso, tem-se com o presente trabalho a pretensão de investigar como as pesquisas no âmbito da pós-graduação têm se dedicado a articular a compreensão de subjetividade e modos de subjetivação aos sujeitos, mais especificamente nos campos da Subjetividade e da Surdez. Para isso, elaborou-se um estado do conhecimento a partir de teses e dissertações catalogadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. As concepções teóricas e os procedimentos serão mais bem conhecidos e discutidos na sequência do texto.

2. Metodologia

Construir uma pesquisa é um processo que demanda diversas articulações por parte dos sujeitos. Não se faz sem (re)pensar, (re)construir. E é nesse fluxo que o sujeito pesquisador se vê interpelado pelos atravessamentos e interpelando os discursos que lhe atravessam ao pensar tal construção. Para isso, identifica, categoriza, cataloga, analisa, discute recebendo e exercendo poder, estabelecendo estratégias para alcançar objetivos, desviar de intempéries, compreendendo e desentendendo as forças que se mobilizam em seu ser (BOURDIEU, 1983).

Percorrer as trilhas dessa pesquisa demandou bases teóricas que nos auxiliassem a compreender quais traços do caminho eram mais importantes de serem considerados. Assim, essa pesquisa do tipo “estado do conhecimento” foi feita a partir de “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (MOROSINI, 2015, p. 102), tendo o processo desse texto levado em consideração somente produções da pós-graduação

materializadas em dissertações e teses publicadas e reunidas na BDTD/IBICT e na CAPES, no período de 2005 - 2022.

Compreender como alguns temas são abordados nas pesquisas, suas tendências, abordagens e discussões é um passo importante para o desenvolvimento científico (OLIVEIRA; CHAVES JÚNIOR, 2020). Daí que trabalhos nesse sentido ajudam pessoas que se debruçam em processos investigativos a encontrar e propor caminhos mais alinhados às suas realidades, potencializando experiências (BARBOSA *et al.*, 2020). Além disso, essa pesquisa pode contribuir para uma maior discussão sobre as temáticas da inclusão, mais especificamente sobre a surdez e os processos de subjetivação, possibilitando a abertura de novos caminhos para estudos chegando, quiçá, ao desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas. Nesse sentido, a pesquisa não é um estado da arte, uma vez que foi escolhido um recorte temporal e foram analisadas teses e dissertações, não abrangendo as publicações em periódicos e congressos, por exemplo (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014). A escolha pelo espaço temporal se deu em virtude do ano de 2005 ser um marco dentro das políticas públicas sobre a surdez, além de contemplar as publicações motivadas pela legislação do ano de 2002 já discutidas no início desse texto.

Essa pesquisa, de natureza básica, apresenta-se como uma investigação exploratória de abordagem mista, conforme caracterizações de Richardson (2017) e Gerhardt e Silveira (2009), na qual buscamos descrever de forma analítica como tem se configurado as pesquisas acerca de subjetividade e surdez nos programas de pós-graduação. Também com uma meta-análise acerca de tendências, confluências, e divergências entre os trabalhos, foi feita uma análise bibliométrica utilizando o software IRaMuTeQ para realizar Análise de Similitude.

Quadro 1 - Esquema metodológico da pesquisa.

Tipo	Base de Dados	Procedimento		Objetivo
Estudo Bibliográfico do tipo Estado do conhecimento (LAVILLE; DIONNE, 1999; VOSGERAU; ROMANOWSKI,	BDTD/IBICT e CAPES	Meta-Análise (AHMED; CHALMERS; KHLIF, 2013)	Bibliometria (CHUEKE; AMATUCCI, 2015)	Comparação/Inferência
		Síntese Qualitativa (SANDELOWSKI;	Análise de Conteúdo	Articulação de conceitos/Inferência

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

2014)		BARROSO, 2006)	(BARDIN, 2011)	
-------	--	----------------	----------------	--

Fonte: Construído pelos autores (2022).

O procedimento foi dividido em três etapas, sendo a primeira definida pela coleta de dados executada no dia 18/09/2022 nas bases de dados com os descritores Subjetividade e Surdez entre aspas, incluindo o operador booleano AND entre elas. Na busca avançada foi especificado o período de 2005 a 2022 especificada a partir dos marcos legais que já apontamos. A segunda foi a síntese qualitativa e Análise de Conteúdo buscando encontrar confluências e divergências dentro das perspectivas conceituais e de abordagem nos trabalhos, elencando categorias e subcategorias, construindo planilhas para auxiliar na compreensão dos trabalhos, discutindo sua sistematização até a análise dos dados. Já a terceira etapa, de cunho quantitativo, procurou fazer levantamentos estatísticos acerca dos dados qualitativos que surgiram dentro dos dados da pesquisa.

A partir das pesquisas nas bases de dados, resultaram na BDTD 92 trabalhos, mas descartados 15 trabalhos que se encontravam em duplicidade e 1 trabalho em nível *lato sensu*, restaram 76. Desses, 56 em nível de mestrado e 20 em nível de doutorado, 11 em instituições privadas e 65 em públicas. Na CAPES, desconsiderados os trabalhos já analisados a partir do retorno da BDTD, encontramos 25 trabalhos, sendo 19 dissertações e 6 teses, 7 em instituições privadas e 18 em públicas. Vale ressaltar que 16 desses trabalhos não puderam ser recuperados diretamente nessa base de dados, tendo sua busca amplificada em portais das próprias instituições.

Com relação à distribuição pelas regiões do país, os dados se apresentaram distribuídos em Norte (3), Nordeste (12), Centro-Oeste (15), Sudeste (44) e Sul (17). Essa distribuição geográfica pode ser interpretada pela questão populacional do país, pelo arranjo dos programas de pós-graduação por região, por questões históricas, entre outros diversos fatores. Mas o que mais nos inquieta é o fato de que muito pouco tem sido estudado sobre a subjetividade e a surdez, principalmente nas regiões norte e nordeste pelo tamanho delas. Daí a importância de se desenvolverem trabalhos que ampliem essa discussão, trazendo à tona novos elementos, outros contextos, além de diversas realidades.

A distribuição de dados em função dos anos se deu da seguinte forma: 2005 (3), 2006 (1), 2007 (5), 2008 (1), 2009 (3), 2010 (7), 2011 (6), 2012 (3), 2013 (5), 2014 (12), 2015 (7), 2016

(6), 2017 (10), 2018 (9), 2019 (5), 2020(4), 2021(4) e 2022(0). Desses, foram selecionados 29 textos que apresentavam uma relação sobre a constituição da pessoa surda, enunciando as relações dessa formação com a subjetividade, bem como os modos de subjetivação, fossem relacionadas aos processos de escolarização, formação cultural ou relações consigo ou com o outro. Esses 29 trabalhos constituíram-se, portanto, na base do corpus deste estudo, o qual será mais conhecido a seguir.

3. Constituição e composição do corpus da pesquisa

Os dados coletados das plataformas foram oriundos de trabalhos defendidos em programas de pós-graduação *stricto sensu* nas cinco regiões do país do ano de 2005 a 2022, já se tendo justificado no tópico anterior o porquê desse marco temporal inicial. A maioria das pesquisas foi feita em nível de mestrado, totalizando 22 dissertações defendidas, enquanto em nível de doutorado temos somente 7 teses defendidas. No quadro abaixo podemos ver que as produções em nível de doutorado se iniciaram nessa década, o que pode se apresentar pela consolidação da área de pesquisa em nível de mestrado e a percepção da importância de se estudar esse tema em outros níveis.

Quadro 2 - Distribuição dos trabalhos que compõem o corpus.

Mestrado		
Autor	Título	Ano
DALCIN, Gladis	Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo.	2005
BUSNARDO, Mariana	À escuta do silêncio: marcas de subjetivação na escrita de surdos.	2007
ORSONI, Liliane Costa Antunes Machado	A Produção de Sentidos da Surdez e de Filhos Surdos.	2007
PEREIRA, Priscila Frehse	Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em LIBRAS.	2007
AMARAL, Clara Tatiana Dias	Currículo e educação de surdos/as: processos de subjetivação em duas práticas inclusivas.	2010
AGRELLA, Regiane Pinheiro	Língua, subjetividade e opressão linguística = interrogações a uma pedagogia (ab)surda.	2010
NASSIM JUNIOR, Oswaldo Elias	O ensino da matemática e os alunos surdos: as possibilidades da linguagem.	2010

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

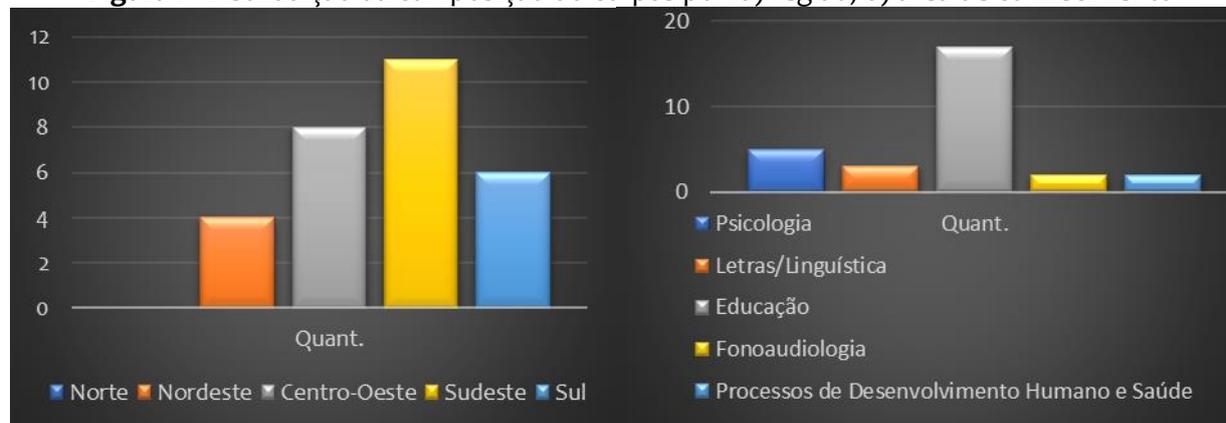
SÁ, Rafaella Coelho	O sentido subjetivo atribuído pelo aluno surdo ao processo de escolarização na escola regular.	2010
GRAFF, Patrícia	Linguagem e interpretação: interações surdo/ouvinte no espaço escolar.	2011
MENDES, Alex	Práticas discursivas de subjetivação na literatura para a formação de professores de surdos.	2013
WITCHES, Pedro Henrique	A educação de surdos no estado novo: práticas que constituem uma brasilidade surda.	2014
RIBEIRO, Camila de Brito	Narrativas e processos de desenvolvimento bicultural: trajetórias escolares de surdos jovens.	2014
Monteiro, Rosa Maria Godinho	Surdez e identidade bicultural: como nos descobrimos surdos?	2014
SILVA, Silvana Marques da	Surdez, Identidade e Subjetividade: da deficiência à diversidade cultural.	2014
LIEBER, Sofia Nery	Aspectos da constituição de uma criança surda pela fala do ouvinte: entre traços e significantes.	2015
SILVA, Cleuzilaine Vieira da	O olhar do surdo sobre si e sobre os outros: identidade e alteridade nos processos de interação presentes na educação dos surdos.	2016
YAMAMOTO, Cibele Takaoka	A dimensão subjetiva do processo de escolarização de surdos: um estudo da trajetória de dois jovens formados na educação básica.	2017
GONCALVES, Andrezza Falcão	Surdez e produção de subjetividade: o discurso de surdos e surdas sobre seus processos de escolarização.	2017
MARQUES, Vanessa dos Santos	Escutando sinais: a escola pela perspectiva de crianças surdas.	2018
NASCIMENTO, Gabriel Silva	A língua própria do surdo: a defesa da língua a partir de uma subjetividade surda resistente.	2019
SOARES, Ildete Vianna	Surdo oralizado no contexto de ouvintes e de surdos: identidade e diferença como desafio	2020
LIMA, Carlos Roberto de Oliveira	As percepções dos discentes surdos sobre o ensino superior no âmbito da universidade federal de Mato Grosso do Sul: Entre o pessoal e o institucional	2021
Doutorado		
Autor	Título	Ano
SILVA, Ivani	As Representações do Surdo na Escola e na Família: Entre a	2005

Rodrigues	(In)visibilização da Diferença e da "Deficiência".	
FONTE, Zélia Maria Luna Freire da	A educação de surdos e a prática pedagógica: análise a partir da alteridade surda	2010
RAZUCK, Renata Cardoso de Sá Ribeiro	A pessoa surda e suas possibilidades no processo de aprendizagem e escolarização	2011
GIACOMET, Alessandra	Abrindo possibilidades de expressão: como os surdos observam e interpretam o mundo?	2015
WITCHES, Pedro Henrique	Governamento linguístico em educação de surdos: práticas de produção do <i>Surdus mundi</i> no século XX	2018
MENDES, Waléria Batista da Silva Vaz	Novos olhares acerca da construção da subjetividade em sujeitos surdos	2018
SOUZA, Christianne Thatiana Ramos de	A expressão do sujeito surdo por meio da escrita em língua portuguesa	2019

Fonte: Construído pelos autores (2022).

Na figura 1 podemos ver como se apresenta a distribuição dos trabalhos seja por região, seja por área dos programas de pós-graduação. É interessante salientar que algumas áreas ainda poderiam ser englobadas dentro da área da Saúde, mas optamos por deixar distribuídos da forma como está na figura para uma melhor compreensão da distribuição.

Figura 1 - Distribuição da composição do corpus por: a) região; b) área de conhecimento.



Fonte: Construído pelos autores (2022).

Sobre as áreas nas quais as pesquisas foram desenvolvidas, percebeu-se uma grande concentração na grande área Educação, também por ser uma área com mais programas de pós-graduação distribuídas pelo país se comparada às demais áreas encontradas no conjunto de trabalhos analisado. Um ponto que merece destaque nessa discussão é o fato de não termos conseguido selecionar nenhum trabalho dentro da área de ensino.

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

Essa área já existia na CAPES sob o código 46 em grande parte do período investigado, pois foi criada pela portaria CAPES 83/2011. Tal criação findou por incorporar todos os programas de pós-graduação que estavam sob a área de Ensino de Ciências e Matemática criada no ano 2000 (CAPES, 2017). Pelo ensino tratar de questões que permeiam também a vida da pessoa surda, bem como a produção de subjetividade e os modos de subjetivação, esperávamos encontrar mais trabalhos que ligassem essas realidades dentro da área de Ensino.

Tal fato é evidenciado na figura 1 que também aponta para a produção concentrada nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do país, aparecendo um pouco nas regiões do Sul e Nordeste brasileiros, mas sendo nula a produção selecionada desse tema na região Norte.

2.2 Atravessamentos estruturais no corpus da pesquisa

A maioria dos textos deixava claro em seus resumos seus objetivos, porém, quando se tratava da questão-problema que havia norteado a pesquisa, nem todos a apresentaram de modo claro. Em termos de metodologia utilizada para o alcance dos objetivos, só não foi possível encontrar o tipo de abordagem em um dos trabalhos do corpus.

Os focos de análise, com relação aos objetivos dos trabalhos selecionados, puderam ser divididos em: Escola; Cultura/Língua; Experiências/Produção de Sentidos; e Formação Docente. Já as problemáticas foram estruturadas com focos em: Língua e Subjetividade; Concepção de Surdez; e Escola. Enquanto as metodologias tiveram suas análises sob os seguintes focos: Análise do Discurso; Etnográfica; Análise de Conteúdo; Epistemologia Qualitativa; e Narrativas. Compreendendo a metodologia enquanto processo, fluxo, dinâmica não podemos, necessariamente, encaixar cada trabalho numa categoria, mas, algumas vezes, apresentava-se mais de uma categoria para que o autor do trabalho pudesse atender aos objetivos por ele propostos. Decidimos por não apontar uma categoria como diferentes abordagens apenas, pois não objetivamos um silenciamento da categoria que poderia ocorrer a partir dessa especificação genérica. Assim, os trabalhos que se encaixavam em mais de uma categoria foram analisados em cada uma delas, uma vez que assim compreendemos respeitar os trabalhos de pesquisa e as investigações feitas pelos autores.

Quanto aos Objetivos, a distribuição foi bem equiparada, apenas o quesito formação docente que só se apresentou em dois trabalhos, sendo um ponto destoante do

quantitativo de classificação dos trabalhos. Já a Questão-Problema aparece com distribuição bastante equiparada. No que se refere à Metodologia de Pesquisa, há um destaque para a Análise de Conteúdo e pesquisa etnográfica, que foram utilizadas na maioria das pesquisas.

Quadro 3 - Distribuição do corpus por foco de análise dos objetivos.

Objetivos			
Escola	Cultura/Língua	Experiências/Produção de Sentidos	Formação Docente
SILVA, 2005; BUSNARDO, 2007; AMARAL, 2010; SÁ, 2010; RIBEIRO, 2014; YAMAMOTO, 2017; GONÇALVES, 2017; MARQUES, 2018; LIMA, 2021.	DALCIN, 2005; PEREIRA, 2007; RAZUCK, 2011; GRAFF, 2011; WITCHS, 2014; SILVA, 2014; WITCHS, 2018; NASCIMENTO, 2019; SOUZA, 2019.	ORSONI, 2007; FONTE, 2010; AGRELLA, 2010; MONTEIRO, 2014; GIACOMET, 2015; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; MENDES, 2018; SOARES, 2020.	NASSIM JÚNIOR, 2010; MENDES, 2013.

Fonte: Construído pelos autores (2022).

Quadro 4 - Distribuição do corpus por foco de análise da questão-problema.

Questão-Problema		
Língua e Subjetividade	Concepção de Surdez	Escola
DALCIN, 2005; BUSNARDO, 2007; PEREIRA, 2007; GRAFF, 2011; MONTEIRO, 2014; GIACOMET, 2015; SILVA, 2016; GONÇALVES, 2017; WITCHS, 2018; MENDES, 2018; SOUZA, 2019; SOARES, 2020.	SILVA, 2005; ORSONI, 2007; WITCHS, 2014; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; MENDES, 2018; NASCIMENTO, 2019.	FONTE, 2010; AMARAL, 2010; NASSIM JÚNIOR, 2010; SÁ, 2010; GRAFF, 2011; WITCHS, 2014; MARQUES, 2018; SOUZA, 2019; LIMA, 2021.

Fonte: Construído pelos autores (2022).

Como os trabalhos se concentraram mais na década de 2010 – 2019, como seria de se esperar por ser o maior subintervalo de tempo, a distribuição de objetivos e questões-problema também se distribuíram mais fortemente por essa década. Mas, cabe marcar que a Formação Docente como objetivo de pesquisa e a Escola como questão-problema só emergem como focos de análise a partir de 2010, estando a pesquisa de Nassim Júnior (2010) a única marcada pela confluência das duas categorias.

Quadro 5 - Distribuição do corpus por foco de análise das metodologias.

Metodologia				
Análise do Discurso	Etnográfica	Análise de Conteúdo	Epistemologia Qualitativa	Narrativas
DALCIN, 2005; SILVA, 2005; YAMAMOTO, 2017; GONÇALVES, 2017	SILVA, 2005; FONTE, 2010; AMARAL, 2010; NASSIM JÚNIOR, 2010; GRAFF, 2011; SILVA, 2014; SILVA, 2016	BUSNARDO, 2007; ORSONI, 2007; PEREIRA, 2007; MENDES, 2013; WITCHS, 2014; LIEBER, 2015; WITCHS, 2018; MENDES, 2018; NASCIMENTO, 2019; LIMA, 2021.	SÁ, 2010; RAZUCK, 2011	AGRELLA, 2010; RIBEIRO, 2014; MONTEIRO, 2014; GIACOMET, 2015; SOUZA, 2019; SOARES, 2020.

Fonte: Construído pelos autores (2022).

Com relação à metodologia, percebe-se pelo Quadro 5 que as pesquisas têm se concentrado numa perspectiva etnográfica ou de alguma forma dentro da Análise de Conteúdo, não necessariamente a proposta por Bardin (2011), mas outras que se assemelham dentro da perspectiva dessa teoria. Assim, a partir da estrutura dos trabalhos, podemos começar a compreender melhor como os resultados dessas investigações se apresentaram.

4. Surdez, subjetividade e modos de subjetivação

Os resultados das investigações que compuseram o corpus desta pesquisa foram divididos em determinadas tendências, a saber: Subjetividade; Modos de Subjetivação; Surdez; e Subjetividade na Surdez.

A subjetividade enquanto elemento construído a partir das relações com o outro, seja dentro de uma abordagem intracultural ou intercultural, é vista como uma forma do sujeito transformar-se, ao mesmo tempo que transforma o outro dentro de uma relação dialógica, mas sempre permeada pelas relações de poder micro (entre as relações de um sujeito com outro) ou macro (interferências do Estado, das culturas, dos padrões) (DALCIN, 2005; SILVA, 2005; BUSNARDO, 2007; FONTE, 2010; AGRELLA, 2010; MARQUES, 2018; MENDES, 2018; SOUZA, 2019). É nesse sentido que D'Ambrosio (2019) e Foucault (2007) propõem que a sociedade se compõe pelas articulações dialógicas e negociadas entre os sujeitos a partir das estruturas de poder vigentes trazendo implicações identitárias, inclusive.

Atribuir sentido às realidades, aos objetos e às relações é uma das formas pelas quais o sujeito compreende o mundo ao seu redor. Esses sentidos são muito diversos e particulares, dependendo da historicidade de cada ser, de suas vivências, suas experimentações, experiências, em suas dores e seus amores, permitindo ou não os desenvolvimentos, enunciando suas possibilidades, suas limitações. Para Larrosa (2015), a experiência vai se dar nesse contexto dos sujeitos, o que Freire (2019) invoca a mobilizar como uma forma de produzir formas de ser no mundo. Nessa lógica, a subjetividade surge enquanto produtora de sentidos, inclusive identitários, do ser humano (ORSONI, 2007; PEREIRA, 2007; SÁ, 2010; SOUZA, 2019). Nessa produção, temos todo um agenciamento que não é totalmente extrínseco ou intrínseco ao sujeito, operando duplamente para que

este pense ser o produtor daquilo que emite e/ou constroi, mas, a partir de suas realidades, constroem suas noções de si no mundo e do mundo (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Sob essa ótica da produção identitária, as subjetividades são fortemente contribuidoras dessa construção da identidade. Nas escolas, além das relações, temos o currículo como estrutura dinâmica capaz de influenciar na formação das percepções acerca do que é a constituição do ser numa abordagem identitária. Esse currículo que atua inclusive na formação docente pode ser inclusivo, integrativo ou até excludente das pessoas, logo, contribuindo de forma positiva ou negativa para a formação de identidades (AMARAL, 2010; NASSIM JUNIOR, 2010; MENDES, 2013; WITCHS, 2014; RIBEIRO, 2014; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2014; GIACOMET, 2015; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; YAMAMOTO, 2017; MENDES, 2018; SOUZA, 2019; LIMA, 2021). Essa produção de subjetividade é relacionada pela língua também, uma vez que o homem constitui e tem sua mente constituída pela língua (RAZUCK, 2011; GRAFF, 2011).

Quanto aos modos de subjetivação, os trabalhos dividiam seus resultados em focos que se dividiam em Cultura, Língua e Relação com o outro. A cultura, enquanto conjunto de saberes que são compartilhados e compatibilizados por determinado grupo social, fomenta a produção de subjetividades, pois auxilia na compreensão de fenômenos que ocorrem dentro dos espaços frequentados pelos sujeitos, seja a sala de aula, sua casa, praças, associações, etc. Além dos espaços físicos, temos também os sociais, onde os sujeitos atuam, compondo suas percepções pela experiência (DALCIN, 2005; SILVA, 2005; ORSONI, 2007; FONTE, 2010; MARQUES, 2018) como apontam Larrosa (2015) e Freire (2019).

A língua, elemento fundante do ser humano, responsável pela produção e desenvolvimento dos conhecimentos, sua articulação e formação de saberes, perpetuação, ruptura e compreensão dos elementos históricos, também é um dos modos pelos quais o ser humano produz suas subjetividades (AGRELLA, 2010; GRAFF, 2011; MENDES, 2013; WITCHS, 2014; RIBEIRO, 2014; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2014; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; YAMAMOTO, 2017; GONÇALVES, 2017; WITCHS, 2018; NASCIMENTO, 2019; SOUZA, 2019; SOARES, 2020; LIMA, 2021). Ainda no sentido da língua, a escrita, que é uma forma de expressarmos a língua, também se apresenta como um modo de subjetivação, pois ao escrever precisamos articular diversos saberes, além de estabelecer uma política sobre a

forma, quais palavras, qual abordagem dá sentido àquilo que apresentamos (BUSNARDO, 2007; PEREIRA, 2007).

O último modo de subjetivação que apresentamos é a relação com o outro, já citada na subjetividade enquanto elemento. Tal relação se estabelece dentro de contextos políticos, pois estamos sempre a tomar decisões sobre quem somos para o outro, quem o outro é para nós, sobre o que dizemos, expressamos, construímos junto ao outro, e, nesse sentido, a relação com o outro é também um modo de subjetivação (AMARAL, 2010; NASSIM JUNIOR, 2010; SÁ, 2010; RAZUCK, 2011; MENDES, 2013; WITCHES, 2014; RIBEIRO, 2014; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2014; GIACOMET, 2015; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; YAMAMOTO, 2017; MENDES, 2018; SOARES, 2020; LIMA, 2021).

A surdez é uma característica cultural de uma parte da população mundial (SKLIAR, 1998), porém, diversas pessoas insistem em enxergar sob um viés patologizante, dentro de uma perspectiva médica, ou dentro de abordagens construídas pelo capacitismo, mais pronunciado quando se trata da surdez pelo ouvintismo. Alguns dos trabalhos analisados apontam para a denúncia sobre visão patológica da surdez que se baseia em caracterizar a pessoa a partir de sua deficiência e não como uma pessoa com deficiência enquanto apenas característica dela (DALCIN, 2005; SILVA, 2005; ORSONI, 2007; AMARAL, 2010; WITCHES, 2014; MONTEIRO, 2014; SOARES, 2020). Logo, há um exercício de poder imbricado nessa visão que vai subjetivando os sujeitos (FOUCAULT, 2007; GUATTARI; ROLNIK, 1996)

Uma outra perspectiva é a de perceber a surdez enquanto uma característica social (SKLIAR, 1997; 1998) já que é só um dos elementos produtores do que é ser humano, podendo e influenciando na composição de identidades, de modos de ser (BUSNARDO, 2007; PEREIRA, 2007; SÁ, 2010; RAZUCK, 2011; GRAFF, 2011; MENDES, 2013; RIBEIRO, 2014; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2014; GIACOMET, 2015; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; YAMAMOTO, 2017; GONÇALVES, 2017; MARQUES, 2018; WITCHES, 2018; MENDES, 2018; NASCIMENTO, 2019; SOUZA, 2019; SOARES, 2020; LIMA, 2021). A surdez também pode ser enxergada a partir de uma relação com o outro, pois a forma como o outro me vê, a forma como ele se comporta também vai delineando a forma como me vejo, como me componho, como me (des)estruturo (SANTANA; BARBOSA, 2019; FREIRE, 2019). E, com a pessoa surda não é diferente: a relação com o outro é elemento consoante dessa formação, logo, sua

composição se dá a partir de uma formação ouvintista (FONTE, 2010; AGRELLA, 2010; MONTEIRO, 2014).

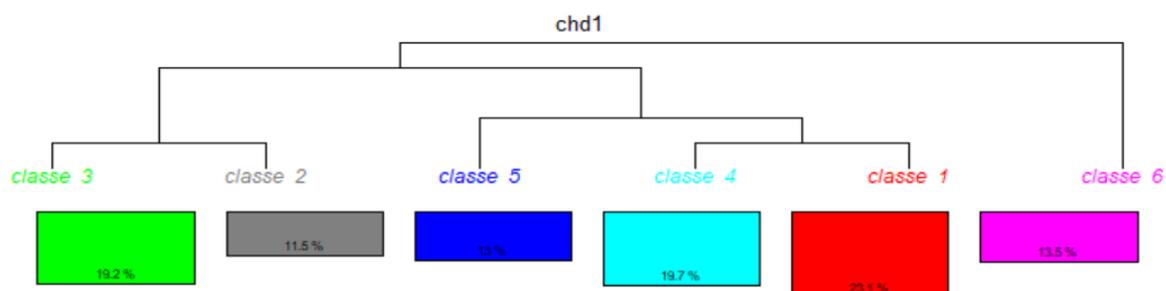
A subjetividade na surdez é o último ponto focal de análise que tomamos para esse trabalho, e se materializou no corpus desta pesquisa como ligada aos aspectos culturais (DALCIN, 2005; SILVA, 2005; MENDES, 2013; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2014; GIACOMET, 2015; GONÇALVES, 2017; MARQUES, 2018; WITCHS, 2018; MENDES, 2018; NASCIMENTO, 2019), também como constituinte do sujeito (BUSNARDO, 2007; ORSONI, 2007; PEREIRA, 2007; FONTE, 2010; AMARAL, 2010; AGRELLA, 2010; GIACOMET, 2015; LIEBER, 2015; SILVA, 2016; YAMAMOTO, 2017; GONÇALVES, 2017; MARQUES, 2018; WITCHS, 2018; NASCIMENTO, 2019; SOUZA, 2019; SOARES, 2020; LIMA, 2021) e ligada à(s) língua(s) (NASSIM JUNIOR, 2010; SÁ, 2010; RAZUCK, 2011; GRAFF, 2011; WITCHS, 2014; RIBEIRO, 2014).

Na análise quantitativa dos dados, foi possível, utilizando a teoria dos grafos da análise bibliométrica como base teórica (CHUEKE; AMATUCCI, 2015), perceber a ocorrência entre as palavras e o nível de conexão estabelecido entre elas. Os dados foram tabulados utilizando o software Iramuteq. O corpus foi composto por 29 textos, divididos pelo programa em 240 sequências de texto, com 8673 ocorrências, divididas em 2069 formas e 1233 hapax (palavras que só apareceram uma vez), totalizando 14,22% das ocorrências e 59,59% das formas.

Feito o gráfico de análise de similitude com as palavras com frequência maior ou igual a 9, representado na figura 2, pôde-se perceber a ocorrência e a relação entre as palavras que estão divididas em agrupamentos por cores. Observa-se a ocorrência de três palavras que mais se destacam nos textos: “Surdo”, “Estudo” e “Processo”. A partir delas, surgem ramificações para diversas outras palavras, mas algumas com maior frequência que as outras, sendo algumas mais significativas como “escola”, “surdez”, “subjetividade”, “educação”, “relação”, “língua”, “sinal”, “ouvinte”, “sujeitar”, “subjetivo”, “escolarização” e “cultural”.

com 24 ST (11,54%), Classe 3, com 40 ST (19,23%), Classe 4, com 41 ST (19,71%), Classe 5, com 27 ST (12,98%) e Classe 6, com 28 ST (13,46%).

Figura 3 - Divisão do corpus em classes conforme CHD.



Fonte: Construído pelos autores (2022).

É importante notar, como ilustrado na figura 3, que temos ramificações que compõem subcorpus, estando a classe 6 – Referenciais Teóricos – como mais desatrelada. As classes 2 (Métodos de pesquisa/ensino) e 3 (Ambiente Escolar), formam um subcorpus denominado academia, enquanto 1 (Constituição) e 4 (Língua) formam o subcorpus conhecimento de si e juntamente com a classe 5 (Composição do mundo), formam a construção do sujeito. Tais nomenclaturas foram elaboradas a partir do conjunto de palavras que compunham as classes e serão melhor descritas na figura 4 que contém um organograma com a lista de principais palavras da classe geradas a partir do teste de qui-quadrado.

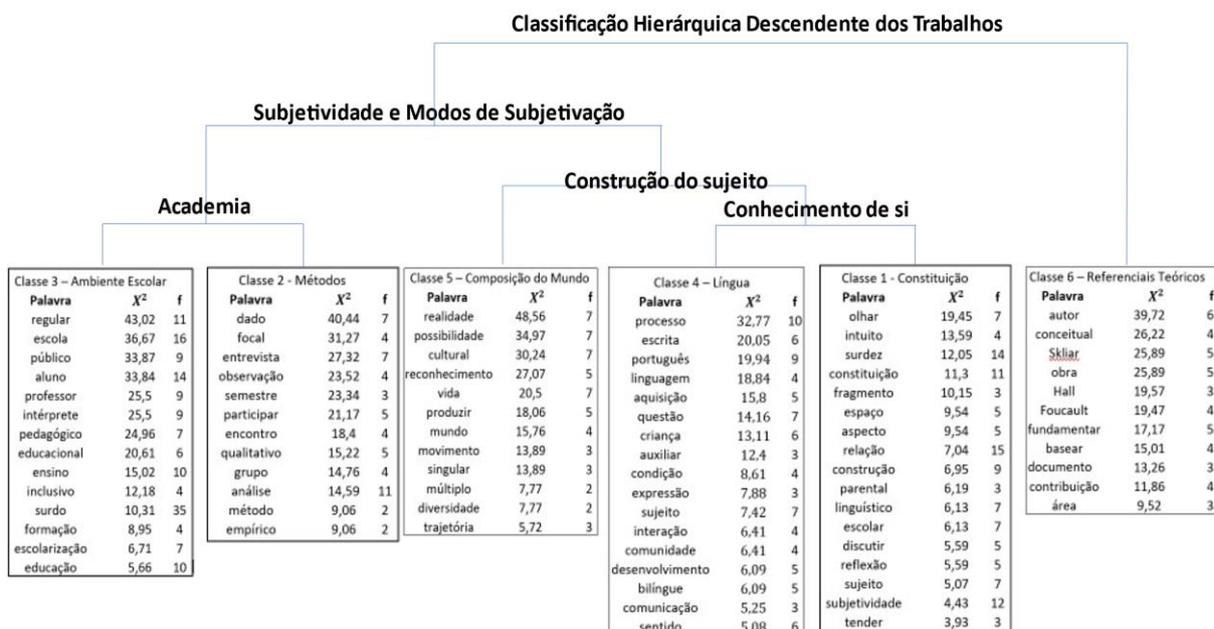
Na classe ambiente escolar, podemos perceber as representações que essa realidade física e social tem para a composição identitária dos sujeitos. A noção de sociedade começa a ser discutida e vivenciada nesse ambiente, assim, emerge a presença do intérprete que faz uma ponte de ligação entre o mundo ouvinte e o do sujeito surdo, contribuindo, assim, para os processos de escolarização (WITCHES, 2014; RIBEIRO, 2014; MARQUES, 2018). Junto da classe métodos, que denotam os de ensino e de pesquisa, compõem o subcorpus academia que aponta para as noções acadêmicas que se configuram sobre esse processo constitutivo do sujeito surdo.

O subcorpus Construção do Sujeito parte da ligação da classe Composição do Mundo e o subcorpus Conhecimento de Si que liga as classes Língua e Constituição, que discutem, respectivamente, como a língua vai compondo elementos da subjetividade do sujeito passando por e dando base para processos de interação entre os sujeitos, constituindo

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

subjetividade por essa relação que tem relação com o olhar já que a língua do surdo é do tipo gesto-visual (GONÇALVES, 2017; WITCHS, 2018).

Figura 4 - Divisão do corpus em classes e palavras que caracterizam as classes na CHD.



Fonte: Construído pelos autores (2022).

Dessa forma, podemos observar que os enunciados construídos nas pesquisas sobre subjetividade e surdez são também produtores de subjetividades e pronunciam as categorias que se apresentaram nos resultados encontrados na outra parte metodológica deste trabalho. Ao revelar aspectos proximais entre subjetividade, construção e identidade, por exemplo, nos permite inferir que ambos os procedimentos metodológicos indicam resultados próximos que encontramos nos referenciais acerca da surdez e da subjetividade, bem como dos modos de subjetivação.

5. Conclusões

Buscando construir um mapeamento de 2005-2022 das pesquisas que ligavam os temas subjetividade e surdez na pós-graduação, percebeu-se, a partir da seleção de 29 textos, como essa temática teve um maior foco na última década e como os programas tinham íntima ligação com a educação, porém, nenhuma pesquisa foi encontrada especificamente na área de ensino. As pesquisas foram categorizadas por temas focais e passaram por um tratamento estatístico que apontou para relações entre subjetividade, surdez, cultura, identidade, família e língua.

A pesquisa aponta limitações com relação à temática, mas essas lacunas podem e devem ser preenchidas com outros estados do conhecimento que abordem temáticas semanticamente semelhantes e apontem outros caminhos de investigação. Essas novas investigações ajudarão a compor mais narrativas sobre a surdez, ampliando a fala dessas pessoas, potencializando suas subjetividades, aprendizagens e vivências, compondo suas aprendizagens a partir da relação consigo, com o outro, dentro ou fora do âmbito escolar.

Dos sentidos produzidos a partir deste estado do conhecimento, pode-se apontar que a subjetividade, enquanto produtora de sentidos a partir da relação com o outro, está intimamente ligada à língua da pessoa e, por isso, estabelece laços com a identidade. A forma como essas subjetividades emergem aponta para os modos de subjetivação de cada sujeito, podendo ser também pela língua, pela cultura e pela relação com o outro. No caso da pessoa surda, essa relação pode se dar por meio da Libras e/ou da Língua Portuguesa, a depender das abordagens e práticas vivenciais dessas pessoas, uma vez que as duas línguas são mobilizadas como meios legais de comunicação no país.

A surdez ainda tem sido vista sob o viés patológico, dentro de contextos capacitistas, que enxergam o outro como não possuidor de mesmas habilidades, algumas vezes como coitado, e que precisa de regulações para se adaptar, normatizar, e, se possível, se normalizar. Tal visão é absurda e as pesquisas têm que caminhar para vencer essa noção rasa sobre os sujeitos, compreendendo como apontam alguns autores que a surdez é apenas mais uma das tantas características sociais que as pessoas podem apresentar, não devendo ser enxergada sob a perspectiva ouvintista, inclusive no que tange às políticas públicas voltadas a essa população.

Dessa forma, o Brasil pode contribuir muito para o desenvolvimento de pesquisas que enxerguem o sujeito surdo como produtor de sua identidade, dotado de plenas capacidades sociais, a partir de sua historicidade, dentro de uma perspectiva crítica. Espera-se que mais áreas, como o Ensino, possam pensar a relação entre subjetividade e surdez, compreendendo a surdez como um elemento a mais nos contextos escolares. As contribuições dessas pesquisas vão caminhar no sentido de privilegiar uma inclusão maior dos sujeitos e de suas formas de ser e de se constituir dentro e fora dos espaços escolares formais.

Referências

Encontros de si: a produção de conhecimento na pós-graduação sobre a surdez e os modos de se subjetivar

- AHMED, K.; CHALMERS, K.; KHLIF, H. A Meta-analysis of IFRS Adoption Effects. **The International Journal of Accounting**, v. 48, n. 2, p. 173–217, 2013.
- BARBOSA, F. S.; MEDEIROS, E. R.; MEDEIROS, S. R.; MEDEIROS JÚNIOR, R. Propostas de ensino de matemática para deficientes visuais: revisão sistemática exploratória da literatura. **HOLOS**, 8, 1-37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2020.9483>. Acesso em: 18 out. 2022.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 18 set. 2022.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório da Avaliação Quadrienal**, 2017.
- CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. **Internext**, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática - Elo entre as tradições e a modernidade**. 6a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 24a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.
- FREITAS, S.; FIGUEIRA, F. Neoliberalismo, educação e a lei 9.394/1996. **HOLOS**, 7, 1-16, 2020. Disponível em: [doi:https://doi.org/10.15628/holos.2020.10061](https://doi.org/10.15628/holos.2020.10061). Acesso em: 18 out. 2022.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. 4. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1996.
- IBICT. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência E Tecnologia. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)**. 2020. Disponível em: < <http://bdtb.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 18 set. 2022.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LEBEDEFF, T. B. Língua de sinais e cultura surda: qual seu lugar na escola. In: AQUINO, I. C.; CRESTAN, L. M.; DIAS, L. F. F.; DIEDRICH, M. S. **Língua, literatura, cultura e identidade-entrelaçando conceitos**. Passo Fundo: UPF Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 9-22.
- MOROSINI, M. C. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação (UFSM)**, v. 40, n. 1, p. 101-116, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.5902/1984644415822>. Acesso em: 20 jul. 2022.

- OLIVEIRA, K.; CHAVES JUNIOR, S. História(s) do ensino secundário no Paraná (1942-1961): um estado da arte. **HOLOS**, 3, 1-19, 2020. Disponível em: doi:<https://doi.org/10.15628/holos.2020.9689>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- SANDELOWSKI, M.; BARROSO, J. **Handbook for synthesizing qualitative research**. New York: Springer Publishing Company, 2006.
- SANTANA, F. C. M.; BARBOSA, J. C. A relação universidade/escola e o Programa Residência Pedagógica/subprojeto de matemática: estratégias de poder e modos de subjetivação. **Revista Sergipana de Matemática e Educação Matemática**, v. 4, n. 2, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34179/revisem.v4i2.11755>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153. (Cadernos de autoria, 2)
- SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009a.
- STROBEL, K. **História de educação dos surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009b.
- VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista diálogo educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

Nota

ⁱ Este artigo faz parte de uma tese de doutorado.

Sobre os autores

Efraim de Alcântara Matos

Doutorando em Ensino pela RENOEN – polo UFC. Docente de Matemática do IFCE – Campus Cedro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2422-1620>. E-mail: efraimmat@gmail.com.

Marcelo Bezerra de Moraes

Doutor em Educação Matemática pela UNESP. Docente da Faculdade de Educação da UERN. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4563-822X>. E-mail: marcelobezerra@uern.br.

Jorge Carvalho Brandão

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente no DIATEC na UFC. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4818-135X>. E-mail: profbrandao@ufc.br.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito para publicação em: 04/07/2023